

I

RICHARD MORSE: MORRE UM HUMANISTA

II

MORRE CALASANS, A MEMÓRIA VIVA DA HISTÓRIA DE CANUDOS

I

RICHARD MORSE: MORRE UM HUMANISTA

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES*

* Professor Titular de Sociologia da UFC e da UECE, membro do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Pesquisador 1-A do CNPq.

Apesar de alguns eventos que começam a alterar nossa modorrenta paisagem – em especial os promovidos ou apoiados pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: cinema, teatro, exposições e simpósios filosóficos de perfil internacional, etc. –, parece evidente o paroquialismo de nossa percepção cultural. Cito apenas dois casos mais recentes para ilustrar o sentimento aqui expresso: um grande de Espanha, o poeta Rafael Alberti, derradeiro sobrevivente da *«generación 27»*, à qual perteceram outras figuras sagradas (Salvador Dalí, Federico García Lorca ou Luis Buñuel), morreu aos 96 anos, a 28 de outubro de 1999; ou ainda, no dia 27 de abril do ano passado, morreu, também aos 96 anos, o Professor Charles Boxer, linguísta, bibliófilo, antiquário e sobretudo grande historiador inglês, a quem a Universidade de Londres ofereceu a Cátedra Camões, então a única cátedra de Português no mundo de fala inglesa, e que deixou 350 trabalhos, dentre os quais alguns fundamentais para a historiografia luso-brasileira. Não vi na pobreza da imprensa local nada de significativo sobre tais protagonistas cruciais das aventuras do espírito.

Essas evocações me levam a refletir sobre silêncio maior que se fez agora com a morte de

Richard M. Morse, no dia 17 de abril do corrente ano, em Petionville, próximo à capital do Haiti, pátria de sua mulher, Emerante de Pradines, sob cujos cuidados, em sua saúde abala-

da, viveu os últimos anos.

Ignoraria o fato, se não me valessem as trocas de informações que colegas de fora ou do país mantêm sem cessar pela Internet; em especial o bilhete que um discípulo de Morse, Jeffrey D. Needell, professor do Departamento de História da Universidade da Flórida, em Gainesville, enviou para o colega José Murilo de Carvalho, com pormenores dessa ocorrência, bilhete que conclui com estas palavras de reconhecimento, num inglês coloquial: *«Morse foi uma pessoa que teve enorme impacto em minha vida e minha carreira. Penso nele muitas vezes e falo dele frequentemente aos meus alunos. Os anos de doença e a distância física entre nós prepararam-me para isso que é, assim mesmo, uma grande perda pessoal, e sinto a sua falta terrivelmente.»*

Para a relevância de sua obra e de sua atuação, para as amizades profundas que tinha no Brasil, mesmo a imprensa nacional não foi pródiga em comentários sobre a perda desse singular historiador norte-americano, que praticava em seus trabalhos uma dialética fusional entre tradições e ousadias inovadoras. Morse era um pensador divergente e dissonante, típico representante

da tradição humanística e erudita, mas que desde Sócrates, Voltaire e outros não se recusa ao uso da ironia e da irreverência como argutos instrumentos de renovação do pensamento e superação das idéias recebidas, fossem quais fossem suas posições no espectro ideológico.

Nem de longe pretenderia eu inventariar aqui a personalidade generosa, o percurso intelectual e o pensamento contido na obra inovadora dessa figura imensa de estudioso, que rejeitava o atributo de “brasilianista”, posto fosse alguém de invejável conhecimento do Brasil, em cujos escritos e em cuja cátedra na Columbia, em Yale, em Stanford ou por onde lecionou, esforçou-se para ensinar ao Brasil e demais nações da Ibero-América (como preferia chamar o mundo luso-hispânico) a livrar-se do sentimento de inferioridade e a reconhecer sua profunda experiência cultural. Foi um dos poucos pensadores norte-americanos originais de hoje, armado de extraordinária simpatia pela área do Novo Mundo que elegera para estudar, sem perder a visão de conjunto dada por sua profunda erudição mas também por seu espírito anárquico e carnalizante, que lhe permitia traçar encruzilhadas de pensamento que envolviam Tomás de Aquino, Rousseau, os Jesuítas espanhóis do século XVII, Leopoldo Zea, Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade, Antonio Candido, a Escola de Frankfurt, Foucault, e mais poetas e romancistas.

Quando no final dos anos 80 do passado século, realizei um seminário em torno de seu *El Espejo de Próspero – un estudio de la dialéctica del Nuevo Mundo* (México: Siglo XXI editores, 1982 – de que a Companhia das Letras deu uma versão brasileira em 1988), senti a dificuldade de meus alunos de pós-graduação face à densa erudição histórica e cultural desse curto e luminoso ensaio.

Infelizmente, não posso dar mais, nesta sumária nota, do que esmaecida imagem desse grande espírito capaz de dizer em curtas e incisivas palavras a convergência de perspectiva que via entre Mário de Andrade e T. S. Eliot. Capaz

de renovar a historiografia com sua tese de doutorado sobre *A Formação Histórica de São Paulo* e de demonstrar que as Américas do Sul eram não um “problema”, mas imagem especular em que a outra América podia ver suas próprias enfermidades. Capaz de conversar com homens comuns dos muitos países que conhecia. Ou de manter alto diálogo com velhos amigos como Sérgio Buarque e Antonio Candido.

Fortaleza, 27 de abril de 2001.

NOTA – Quando comuniquei ao Professor Ralph Della CAVA este texto sobre a morte de Richard MORSE, ele me enviou o depoimento que reproduzo a seguir:

DEPOIMENTO DE RALPH DELLA CAVA SOBRE RICHARD MORSE

Sábado, 28 de abril de 2001

Caro Diatahy:

Hoje o *New York Times* publicou o necrológico de Richard Morse.

Só conheci o Morse na reunião da SBPC de Recife (1974). Nessa época, ele já resenhara o meu livro *Milagre em Joazeiro* numa das revistas acadêmicas norte-americanas, de uma maneira lisonjeira e elogiosa. No encontro do Recife, descobri que ele, então representante da Fundação Ford no Rio, tinha feito circular meu ensaio sobre Canudos e Joazeiro (que você depois traduziu de um modo tão preciso*) entre Duglas [Teixeira Monteiro] e seus alunos, e Walnice [Nogueira Galvão], todos estudiosos de movimentos populares e “conjurados paulistanos”, responsáveis pela minha vinda à reunião da SBPC.

Na realidade, foi por meio da Walnice, a quem eu não conhecia, que recebi o convite. Joguei-o na cesta de papéis – era abril de 1974 – achando eu que a ditadura militar, ainda em vigor, não iria permitir a minha entrada no país. A

Walnice persistiu no convite e no final de maio, logo às vésperas do fim do nosso ano letivo, ela me telefonou. Eu estava no Queens College e entre outros assuntos ela me falou do Morse, como quem também tivesse sugerido a minha vinda, disse do teor do encontro, dos termos do convite. Em resposta à minha pergunta sobre com que roupa deveria me apresentar (lembra-se que dez anos antes, por volta de 1964, quando eu vim para o Ceará a fim de pesquisar a história do Padre Cícero, até na Praça do Ferreira – *no centro de Fortaleza* – a gente andava de paletó e mesmo de gravata, estilo da época*), ela, surpresa com a minha indagação e quase rindo, me lembrava da Revolução portuguesa, então em pleno sucesso, e me recomendava jeans e um cravo vermelho na lapela!

Só na minha ida ao Rio, na mesma ocasião (1974), depois da minha passagem por Fortaleza e Joazeiro, matando as saudades após uma década, foi que comecei a conhecer face a face o Morse. Lá no apartamento dele (o da Fundação Ford) na praia de Leblon, conversávamos muito e ele lentamente saboreava uma ou outra bebida (forte), que me parecia agudizar ainda mais sua fina ironia e irreverência. Tocava nas mesmas telas: que a América Latina tinha muito para ensinar aos norte-americanos; que estes eram arrogantes e cegos e sem cultura (pelo menos eram essas as idéias por trás de suas declarações muito mais refinadas). Por ser descendente da velha estirpe norte-americana, sobretudo dos que são os nossos ‘quatrocentões’ do Nordeste dos EE.UU., os seus pares o “toleravam”, mesmo que ele tivesse rompido com eles, não só por ter abraçado uma cultura então vista como “negligenciável”, mas também por ter-se casado com uma Haitiana (ainda que fosse ela descendente da mais alta classe social da ilha).

A sua erudição o protegia. Seu livro sobre São Paulo** fora bem recebido e um ensaio seu sobre Fernando e Isabel – que todos nós, da geração depois da dele, tivemos que ler – marcou época. Nele, Morse argumentava que «o elemento nuclear» da civilização ibero-americana

era que «o homem moral é melhor do que o econômico.»⁽¹⁾ [*Em Inglês: moral rather than economic man*]. Esta visão, então revisionista, tinha procedência na obra do seu professor na pós-graduação na Columbia, Frank Tannenbaum, e de outro mestre da época, Lewis Hanke.

E ela vigorou pelo menos por uns dez ou vinte anos. Da sua própria geração, os livros de Stanley Stein ou Marvin Harris pareciam ter fincado mais fundo na historiografia produzida lá fora. Mais tarde, a primeira onda de ‘brasilianistas’ apareceu e mostrou não só um “fraco” pelo Brasil, mas também metodologias, perspectivas e temas bastante novos e ricos. Mesmo que Morse detestasse esse rótulo (de ‘brasilianista’), ele foi erigido, querendo ou não, como um dos mais importantes padrinhos da nossa geração, senão o pai.

Até certo ponto, ele tinha razão: na realidade, ele tivera um percurso próprio, tão independente como o seu intelecto. Foi um dos primeiros norte-americanos, ainda no período da segunda guerra mundial, a passar um tempo de estudos no Brasil, no caso em São Paulo. Seus colegas e contemporâneos, aí, incluíam Antônio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes. Nesse sentido, ele era mais pai da geração de Fernando Henrique Cardoso do que da nossa.

No cargo que ocupava na Fundação Ford, na primeira metade dos anos setenta, ele apoiou fortemente a criação de um dos maiores centros mundiais de preservação de documentos e depoimentos, e de pesquisas sobre o século XX. Refiro-me ao CPDOC, organização modelo que em 2003 completará trinta anos de vida. Lembro bem da visita que fiz com ele à Biblioteca Nacional (ainda naquele mês de julho de 1974), e foi no CPDOC que ele me apresentou à Celina Moreira Franco, a força vital atrás desse empreendimento. Outras iniciativas, as mais variadas e inovadoras, também receberam o aval de Morse.

Nas questões políticas da época, ele operava com a maior discrição. Buscava “dicas” com seus velhos amigos brasileiros na sua subtil resistência ao regime de então, favorecendo e aprovei-

tando das brechas (como a própria SBPC) para “abrir espaço”, como se dizia na época. Morse, no meu entender, não foi “político” – nem no sentido militante, nem no convencional. Lembro quando lhe pedi sua assinatura num documento que escrevi denunciando a morte sob tortura de Vladimir Herzog (documento que eu não assinei por me achar um opositor do regime por demais conhecido, mas que foi publicado na *New York Review of Books*), ele hesitou bastante. Mas, depois de ter confirmada a participação de Charles Wagley, Stanley Stein, Thomas Skidmore, e Alfred Stepan, prestara ele então seu apoio incondicional.

Acho que os abaixo-assinados não combinavam bem com seu estilo, mais dado às tertúlias e discussões intelectuais.

O *Espelho do Próspero* era bem mais do seu gênio e da sua visceral crítica aos seus contemporâneos norte-americanos. Mesmo assim, ele não sofreu muito por ter-se expressado tão abertamente. Da Ford Foundation, ele foi para a Universidade de Yale e, em seguida, para a de Stanford (depois de uma briga sobre a outorga de cargo vitalício à Emilia Viotti da Costa, de que ele discordava – perdeu a questão e por isso, corria na época o boato, deixou a universidade de Yale). Mais tarde foi convidado pelo Woodrow Wilson International Center For Scholars, em Washington, DC, então gerenciado pelo grande russólogo James Billington – que é hoje o atual Diretor da Biblioteca do Congresso dos EE. UU. – e creio, também, que antigo colega seu na Princeton University, onde Morse fez sua graduação, passou ele um tempo aí, encarregado do programa latino-americano.

Diria que foi entre os Paulistas que Morse foi sempre benquisto e hoje muito pranteado, como o assinala o artigo «O Americano Intranquilo», de Carlos Guilherme Mota, na *Folha de São Paulo*, de 25 de abril. Não é de surpreender-se: discípulos também de Antônio Cândido, as novas gerações chegaram a apreciar Morse e sua contribuição de uma maneira leal e compreensível.

Diria mais que Morse tocava com constância a mesma música e fazia muitas improvisações sobre a mesma. Com insistência, ele erguia como uma bandeira de uma cruzada a nova cultura da América Latina, que ele descobriu quando ainda moço e a reteve a vida toda como um grande tesouro civilizatório.

Acrescento ainda que, além da ironia e da irreverência – virtudes tão caras não só aos brasileiros, mas a todos nós que buscamos armas diversas para as nossas batalhas – e da paixão pelas idéias, ele adorava o Brasil, uma boa caça, as mulheres, o samba, o carnaval (em 1975, eu participei com ele e sua esposa de um ensaio da Mangueira, escola em que ela desfilou naquele ano!), e também a desvairada paulicéia, os intelectuais paulistanos, e os seus próprios filhos e sua esposa.

Poderia ter vivido mais plenamente?!

NOTAS

* No tom coloquial deste depoimento, o autor refere-se aí ao seu ensaio «Brazilian Messianism and National Institutions: a reappraisal of Canudos and Joazeiro», cuja tradução realizei, tendo sido publicado na *Revista de Ciências Sociais* (UFC), Fortaleza, vol. VI, n.º 1 e 2 (1975): 121-139. [Nota de Eduardo Diatahy B. de Menezes].

** Mais uma vez o autor adota o tom coloquial e se dirige a mim. [Nota de Eduardo Diatahy B. de Menezes].

*** O autor refere-se ao: *Formação Histórica de São Paulo* (de comunidade a metrópole). Col. «Corpo e Alma do Brasil». São Paulo: Difel, 1970. [Nota de Eduardo Diatahy B. de Menezes].

¹ “Toward A Theory Of Spanish Government”, *Journal Of The History Of Ideas*, vol. 15 (january 1954), pp. 71-93.

II

MORRE CALASANS, A MEMÓRIA VIVA DA HISTÓRIA DE CANUDOS

Quando a nossa existência individual se prolonga, seguimos pela vida a acumular perdas de relações amigas que se vão. Foi assim, agora, com este velho amigo, mestre e companheiro na mesma paixão pela história do Sertão e a de Canudos em especial. Às 22h00 do dia 28 de maio, em sua residência em Salvador, faleceu **José Calasans** Brandão da Silva (1915-2001), com 86 anos incompletos e 55 anos de “canudologia”: perdemos a memória viva da história de Canudos, de sua guerra, de sua gente e de seu líder, de sua utopia sertaneja e cristã. Estudioso que alimentou a chama sagrada da busca pela veracidade de uma história de oprimidos tão vilipendiada pelos discursos sábios e por uma historiografia tradicionalista. Seu empenho decidido deu alento a inúmeras gerações de pesquisadores que, felizmente, têm enriquecido os rumos que ele trilhou, ampliou e iluminou.

Cineasta e pesquisador baiano, que dirigiu *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* e que mantém na Internet uma das páginas mais ricas de documentação sobre Canudos, Antônio Olavo foi quem me deu a notícia por essa via. Curta nota de solidariedade. No meu espanto, escrevi-lhe pedindo pormenores. No dia seguinte, ele dizia que Calasans vinha mal há tempo, lembrava o derrame que tivera há uns 8 ou 9 anos e as crises de depressão que o acompanharam desde então, mal penoso quando vem na juventude e tanto mais duro ainda na vetusta idade. (Sobre isso, recordo que de duas vezes em que ele se comprometeu a participar como conferencista em seminários sobre Canudos, promovidos aqui na Universidade Federal do Ceará, em 1993 e 1997, por ocasião dos centenários da fundação e da destruição de Belo Monte, ele não compareceu por acometido dessas crises). A família instalara uma UTI dentro de casa para cuidar dele a toda hora. Na noite do dia 28, adormecera definitivamente.

No dia 31 de maio, foi lançado em Salvador um livro dedicado a Calasans, *Os Intelectuais e Canudos*, organizado por Manoel Neto e Roberto Dantas, e que lhe foi entregue dois dias antes de sua morte. Sua filha Madalena, psicóloga que mora no Rio, estava presente e comentou: «foi a última grande emoção que ele teve em vida».

Imediatamente, enviei a notícia para vários colegas, dentre os quais Eduardo Hoornaert, Ralph Della Cava e Idelette Muzart. Esta, professora da Universidade de Paris X – Nanterre, coordena uma lista de discussão sobre Brasil-França na Internet, espalhou a notícia aos quatro ventos e lembrou um fato curioso que mostra bem o espírito brincalhão de mestre Calasans: em janeiro de 1986, quando participávamos do Encontro de Laranjeiras – próxima de Aracaju, esta cidade é promotora desse evento que congrega estudiosos da cultura popular – cujo homenageado daquele ano era justamente o professor Calasans. No discurso de abertura, o Prefeito da cidade dirigiu-se a ele com expressões como «o grande setuagenário!», «o ilustre setuagenário», «o nosso setuagenário», etc. Calasans, sentado na primeira fila do auditório, ao lado de Idelette, comentou para ela em voz bem clara: «Se este homem ainda insistir em me chamar de velho, eu vou xingar a mãe dele!». Por certo as risadas da primeira fila encurtaram a oratória prefeitoral.

Participei desse Encontro, que durou 3 ou 4 dias. A manhã do sábado foi livre. Calasans me convidou a acompanhá-lo numa caminhada pelo Mercado Central. Ele era sergipano e nasceu em Aracaju, no dia 14 de Julho, data nacional da França, em que esta comemora sua Revolução. Mas Calasans, com seu temperamento afetuoso e convivial, nada tinha de revolucionário, mas antes de missionário das coisas de nossa história. A despeito do volume de trabalhos que publicara, Calasans era sobretudo um homem de fala rica e sábia, arrimado em prodigiosa memória. Recordo ainda de nossa longa conversação em que discutíamos sobre vários temas em torno de Sílvio Romero, de sua polê-

mica com Teófilo Braga, etc. Mas recordo, sobretudo, que Calasans em meio aos corredores do mercado, parava a toda hora para trocar conversa animada com a gente do povo e, em várias barracas, ia comprando uns martelinhos de madeira bem torneados – semelhantes a esses que usa um Juiz – e em seguida os enfiava no enorme bolso de seu paletó. Intrigado, indaguei-lhe sobre o significado daquilo. E ele de pronto explicou: «Esses martelinhos só existem aqui em Aracaju. Nos sábados, reúno em minha casa, em Salvador, a turma do Instituto Histórico para tomar cerveja e comer caranguejo. Vou fazer esse regalo aos colegas!».

Era esse o homem que conheci, bom amigo e desprendido, que distribuía generosamente seus conhecimentos com todos. E eu poderia narrar inúmeros fatos pitorescos de manifestações semelhantes do seu gênio bem humorado. Mas prefiro registrar que participavam também do Encontro dois outros velhos amigos que já se foram: Cândido Procópio Ferreira de Camargo e Thales de Azevedo.

Todavia, conheci Calasans num outro grande evento, um debate memorável para os estudiosos da história de nossos movimentos populares. Refiro-me à Reunião da SBPC, em Recife, no ano de 1974, na mesa-redonda sobre Canudos e temas correlatos, de que participaram vários amigos: José Calasans, Thales de Azevedo, Duglas Teixeira Monteiro, Walnice Galvão e Ralph Della Cava. Destes amigos e companheiros de jornada, só os dois últimos permanecem vivos, pesquisando e publicando. Por coincidência, acaba de sair, em maio, um ensaio de Walnice Nogueira Galvão, com dedicatória justamente a José Calasans: *O Império do Belo Monte – vida e morte de Canudos*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

Do mesmo modo que Idelette Muzart, Eduardo Hoornaert me respondeu de imediato com este comentário: «Lamento com você a morte do mestre Calasans. Eu o chamo de ‘o Tucídides de Canudos’, pois como Tucídides superou Heródoto em separar o rigorosamente histórico

(baseado em depoimentos e ‘história oral’ *avant la lettre*) do mítico e lendário, Calasans começou a trabalhar Canudos além do ‘mitológico’ de Euclides da Cunha. Isso até agora não está claro entre os estudiosos de Canudos e da história do Brasil em geral.»

Calasans fizera seu curso secundário no Ateneu Sergipense. Bacharel em 1937, pela Faculdade de Direito da Bahia, volta à sua cidade, ensina no Colégio Estadual de Sergipe e torna-se catedrático da Escola Normal Rui Barbosa. Fixa, a partir de 1947, residência definitiva em Salvador. Ensina na Universidade Católica e na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Pelo velho regime, em 1951, faz concurso de Livre-Docência de História do Brasil nessa Faculdade, onde defende a tese: *O Ciclo do Bom Jesus Conselheiro*. Conquista depois, nessa mesma Faculdade, a cátedra de História Moderna e Contemporânea mediante concurso em que é aprovado na defesa da tese *Os Vintistas e a Regeneração Econômica de Portugal*, em 1959. Chefiou por muito tempo o Departamento de História dessa Faculdade, de que foi Diretor nos anos de 1974 e 1975; e, de 1980 a 1984, ocupou o cargo de Vice-Reitor da UFBA. Foi membro atuante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, e dirigiu, até recentemente, o Museu Eugênio Teixeira Leal – Memorial do Banco Econômico.

Como iniciara desde jovem suas pesquisas folclóricas e históricas sobre o tema de sua predileção, ao casar pilheriou com o nome de sua mulher, Lúcia Maciel, dizendo ao sogro: «*Até que enfim vou ter alguém na família com o sobrenome do Conselheiro.*» Em perfeita harmonia com esse espírito brincalhão, Calasans era um pesquisador sério e inovador. Com efeito, bem antes de se tornar um procedimento sistemático da historiografia moderna, ele superou a versão oficial e tradicional sobre Canudos, não só vasculhando ampla documentação nos arquivos da Bahia, Sergipe, Pernambuco e Ceará, bem como nas trilhas e povoados dos sertões que percorreu longamente, mas sobretudo

restituindo a sua *história oral*, colhida de remanescentes e combatentes do Arraial do Belo Monte. Dava maior valor a esses testemunhos vivos e zombava de dados pretensamente rigorosos: «Estatísticas de guerra – dizia ele – são iguais a estatísticas de comício.» Eu próprio troçava com ele, dizendo que na confraria dos estudiosos de Canudos: da Bahia para o Sul, eles são euclidianos; da Bahia para o Norte, somos conselheiristas. E ele sempre sublinhava que Euclides da Cunha, em sua obra-prima, trancara Canudos numa gaiola de ouro.

Calasans era um investigador infatigável. E foi divulgando os resultados de seu labor em artigos e ensaios, que espalhou por inúmeros periódicos no Brasil e no exterior. Desde os anos 50, saíam seus primeiros livros e opúsculos sobre essa temática: em 1950, o mencionado *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro – contribuição ao estudo da Campanha de Canudos* (Salvador: Tipografia Beneditina); em 1952, *A Guerra de Canudos na Poesia Popular* (Salvador: Centro de Estudos Baianos) – sobre o assunto, ele dará depois um estudo mais amplo, *Canudos na Literatura de Cordel* (São Paulo: Ática, 1984); em 1957, saiu *Euclides da Cunha e Siqueira Menezes* (Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe); enfim, em 1959, enfeixando alguns dos ensaios anteriores e contendo outros novos, como o curioso estudo «As Mulheres de Os Sertões», publicou o livro *No Tempo de Antônio Conselheiro – figuras e fatos da Campanha de Canudos* (Publicações da Universidade da Bahia). Nesta obra, apresenta de forma sistemática a primeira bibliografia comentada dos estudos sobre Canudos e dá, em germe, um «vocabulário de Canudos», que constituiria mais tarde seu grande livro de pesquisador do tema, o *Dicionário de Canudos*, com mais de 600 verbetes, cuja publicação prometera para 1997, centenário da destruição de Belo Monte, mas que deixou inédito.

Além de outros trabalhos seus, tais como o precioso *Quase Biografias de Jagunços – o séqüito de Antônio Conselheiro* (Centro de Es-

tudos Baianos da UFBA, 1986) ou o seu livro *Cartografia de Canudos* (Salvador, Conselho Estadual de Cultura, 1997) em que compendia vários artigos e ensaios, ou ainda merece mencionado seu bom ensaio «Canudos não-Euclidiano: fase anterior ao início da Guerra do Conselheiro», publicado no livro organizado por José Augusto Vaz Sampaio Neto e colaboradores, que constitui a bibliografia mais completa sobre a temática, *Canudos – Subsídios para a sua reavaliação história* (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986), além desses trabalhos, repito, Calasans batalhou também pela reedição de algumas obras raras sobre o tema, livros que ele prefaciou, como por exemplo: Odorico Tavares, *Canudos, Cinquenta Anos Depois – 1947* (Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1993); e Alvim Martins Horcades, *Descrição de Uma Viagem a Canudos* (Salvador; EdUFBA, 1996).

Com o imenso saber que acumulara sobre o assunto, tornou-se uma referência internacional e obrigatória de todos quantos se debruçam sobre a matéria. Amigo fiel, jamais negou ajuda sempre que dele precisei para alguma informação ou o mais freqüentemente para obter cópia de algum documento.

Em 1983, doou à Biblioteca Central da UFBA tudo quanto, nos seus anos de estudo e pesquisa, garimpou de documentação sobre Canudos, sobre Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro, e até sobre Euclides da Cunha: livros, revistas, jornais da época, documentos particulares como cartas e bilhetes escritos durante o conflito, depoimentos de sobrevivente e seus descendentes, etc.. Um acervo de 4 mil volumes com que funda assim o *Núcleo do Sertão*, que se acha hoje localizado no Centro de Estudos Baianos, e onde há coisas preciosas e raras como o manuscrito encadernado das anotações evangélicas e sermões do Conselheiro, que tive a alegria e a emoção de examinar aí.

Mas uma das maiores contribuições de Calasans foi sem dúvida ter recomposto pacien-

temente e dignificado, com seu trabalho de pesquisador, a imagem e o valor de Antônio Vicente Mendes Maciel, esse seguidor do Padre Ibiapina, imagem e valor degradados pelas elites brasileiras: políticos, Igreja, a tradição letrada e o Exército nacional. Calasans confirma em pormenor, com sua obra, a denúncia que Euclides pôs na Nota Preliminar com que abre seu *Os Sertões*:

«Aquela campanha [contra Canudos]... foi, na significação integral da palavra, um crime.»

Idéia semelhante àquela que vem expressa nos versos candentes do belo *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles:

*«Toda vez que um justo grita,
um carrasco o vem calar.
Quem não presta, fica vivo:
quem é bom, mandam matar.»*

Fortaleza, 21 de junho de 2001.